

## LETRAMENTO E ORALIDADE: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA DESSAS PRÁTICAS SOCIAIS EM TERESINA-PI

Lília Brito da Silva

Universidade Federal do Piauí-UFPI  
brito\_lilia@hotmail.com

**Resumo:** Neste trabalho analisam-se, descrevem-se e caracterizam-se as práticas sociais de oralidade e de letramento que se realizam em uma escola de Teresina-PI e na comunidade atendida por essa escola. Tendo como objetivo estudar as práticas de letramento realizadas na escola e os usos que essa instituição faz da oralidade, em comparação com as práticas sociais de escrita e oralidade que os membros do bairro pesquisado realizam fora da escola, no seu dia a dia, nos diversos contextos sociais de interação lingüística. Com base no modelo etnográfico de pesquisa, que possibilita a realização de uma pesquisa participativa.

**Palavras-chave:** Letramento; oralidade; etnografia; escola; comunidade.

### 1 INTRODUÇÃO

A variedade culta em nossa sociedade é erroneamente utilizada como modelo para os usos que fazemos da língua falada, como é, inclusive, ensinado na escola no ensino de língua materna. “É fato incontestável que a escola institui a variedade padrão (cult) da língua como a única legítima e como alternativa de unificação lingüística, em detrimento das demais variedades para ela, distantes dos critérios de correção” (LOPES, 2006:28). Desse modo a norma culta é ensinada como a única variação lingüística aceitável da língua portuguesa.

Com isso, as práticas reais de letramento e de oralidade que esses alunos realizam dentro da comunidade em que vivem não são consideradas pela escola durante o ensino de Língua Portuguesa. E, esta instituição não considera que oralidade e letramento são práticas sociais que o homem adquire e desenvolve ao longo de sua vida, sendo adquiridas pelos indivíduos nos diversos contextos sociais.

Nesse sentido, este trabalho faz uma análise do ensino de Língua Portuguesa, considerando o modo como a escola trabalha com a noção de letramento e de oralidade proposta pelos estudos lingüísticos. Para isso, são analisadas as práticas de oralidade e letramento realizadas dentro da escola e comparadas com as realizadas fora da escola, pelos

membros da comunidade que a escola estudada atende, em diversos eventos de oralidade e letramento.

Este trabalho apresenta os primeiros resultados de uma pesquisa que vem se realizando em um bairro da cidade de Teresina-PI. Onde são investigados, discutidos, analisados e caracterizados os usos que os membros dessa comunidade fazem da língua escrita e oral na comunidade e na escola.

A escola pesquisada é uma escola pública estadual, de ensino fundamental, que atende a jovens da classe baixa, muitos deles provêm de famílias carentes. A estrutura física da escola é precária, pois o prédio é antigo e sua estrutura precisa de uma reforma, o que é motivo de reclamação tanto por parte dos alunos, como dos professores e dos funcionários.

No bairro no qual a escola se localiza e que também é objeto de estudo de nossa pesquisa, está localizado na zona sudeste da cidade. Mas, com o seu crescimento econômico e geográfico vem aumentando também a violência. O local em que se localiza a escola pesquisada é um dos mais violentos da capital, onde existem muitas famílias carentes na localidade estudada.

Vale esclarecer que durante todo o processo de observação foi utilizado o método etnográfico porque, este método possibilita a descrição e a análise de fatos pouco conhecidos a exemplo do que aconteceu com a Antropologia, por meio da descrição detalhada e análise holística que realiza com seu objeto alvo. Em relação a aspectos educacionais tal possibilidade vem se mostrando muito útil, como já tem sido observado. “A etnografia, como abordagem teórica metodológica dos fatos sociolinguísticos, tem se mostrado proveitosa e fértil em pesquisas no campo socioeducacional” (LIMA, 1996, p.66).

Assim, por meio do método etnográfico realizamos uma pesquisa, tendo como procedimento básico a observação participante, onde convivemos com os indivíduos pesquisados em várias situações comunicativas. “O pesquisador da área da sociolinguística precisa, portanto, participar diretamente da interação” (TARALLO, 1985, p.20). A participação é necessária porque assim o pesquisador consegue caracterizar os usos que os sujeitos observados fazem da língua em contextos reais de uso.

Na organização deste trabalho, apresentaremos as seguintes partes: Introdução, com uma breve apresentação deste artigo, “Letramento e oralidade no ensino de língua”, onde fazemos uma apresentação teórica desses dois fenômenos linguísticos; Descrição e análise dos eventos de letramento e oralidade na comunidade e na escola”, onde é realizada uma

análise e caracterização das práticas de oralidade e letramento na escola e na comunidade e, por fim, apresentamos as considerações finais sobre a pesquisa.

## **2 LETRAMENTO E ORALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA**

A escola ao longo dos anos é “norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado” (BORTONI-RICARDO, 2005; p.14). Essa posição da escola resume o ensino de Língua Portuguesa apenas ao ensino da variedade culta da língua e das normas de sua gramática.

Focando apenas no ensino da norma culta, a relação oralidade/letramento não é trabalhada no ensino de Língua Portuguesa como um contínuo proposto por estudiosos da área como Bortoni-Ricardo (2004, p.62) que afirma que “não existem fronteiras bem marcadas entre os eventos de oralidade e de letramento. As fronteiras são fluidas e há muitas sobreposições”. As atividades de escrita e de oralidade quando não são realizadas de modo em que uma esteja relacionada a outra, não possibilitam a realização de um ensino de língua materna onde a língua é ensinada por meio de seus usos e não baseada em modelos abstratos à verdadeira realidade linguística dos alunos.

Letramento é definido por Marcuschi (2003, p.21), como “um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais para usos utilitários”. E oralidade é apresentada pelo autor como “uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundamentados na realidade sonora” (MARCUSCHI, 2003, p.25). Por isso, essas práticas sociais devem ser consideradas com base na noção de que oralidade e letramento são práticas sociais que todo indivíduo adquire e desenvolve ao longo de sua vida, adaptando-as aos diversos contextos sociais.

Nem sempre durante o ensino de língua materna essa noção de oralidade e letramento como um contínuo é respeitada. Segundo Marcuschi (2003), por muito tempo a relação oralidade/letramento foi tratada como uma relação dicotômica, onde a escrita era considerada superior à fala. Hoje, “predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais” (MARCUSCHI, 2003, p.16), o que contribuiu para a melhora no ensino de língua materna.

Essa visão dicotômica da relação oralidade/letramento está relacionada à ideia de que a escrita é superior à fala. Esta foi por muito tempo o meio principal de comunicação entre os homens, mas seu prestígio foi aos poucos substituído pelo desenvolvimento da escrita. “A reputação e o uso da palavra escrita passaram a submeter à oralidade, de maneira a fazer daquela o mecanismo por excelência da oficialidade e do exercício do poder” (MEIHY & HOLANDA, 2007, p.99). Com isso, a escrita passou a deter prestígio maior em relação à oralidade.

No ensino de língua materna, os usos possíveis da língua falada são restringidos aos usos da língua escrita. Assim, a fala é analisada tendo a escrita como parâmetro para todos os usos que fazemos da oralidade, sem considerar os usuários da língua e o contexto em que é utilizada. Como propõe Fávero (2005)

Para analisar adequadamente um texto (falado ou escrito), é preciso identificar os componentes que fazem parte da situação comunicativa, suas características pessoais (personalidades, interesses, crenças, modos e emoções) e de seu grupo social (classe social, grupo étnico, sexo, idade, ocupação, educação, entre outros), pois eles favorecem a interpretação dos papéis dos interlocutores (falante-ouvinte-audiência (facultativa) / escritor-leitor) num evento particular, determinado, dados os componentes lingüísticos desse texto. (FÁVERO, 2005, p.71)

Os usos que fazemos da oralidade são aprendidos antes mesmo do início da vida escolar. Em casa, com os familiares, com amigos e com os vizinhos, começamos a utilizar a língua falada. “Uma criança de 7 anos que entra na escola para se alfabetizar já é capaz de entender e falar a língua portuguesa com desembaraço e precisão, nas mais diversas circunstâncias de sua vida” (CAGLIARI, 1989, p.16).

A escola precisa estar preparada para lidar com as habilidades orais que o aluno adquiriu no meio social em que vive, para que a variação lingüística do aluno não seja estigmatizada. Pois como afirma Fávero (2005), a língua falada e a língua escrita possuem diferenças características de seu modo de aquisição, por isso a oralidade não pode se limitar aos usos que fazemos da escrita.

O letramento não é adquirido apenas na escola, também se desenvolve no meio social, em casa o sujeito faz usos da escrita que se diferenciam dos usos que faz na escola, no trabalho, no comércio e etc. Assim como a língua falada, o sujeito consegue adequar a escrita às suas necessidades de uso, com isso a escrita para esse sujeito adquire significado oposto

àquele que possui na escola. Não é possível impor apenas um determinado uso para todos os eventos de letramento que um indivíduo realiza em seu dia-a-dia.

É por isso que o modelo autônomo de letramento praticado na escola é bastante criticado pelos estudos realizados hoje na área da sociolinguística. Pois para a escola “a escrita seria, nesse modelo, um produto completo em si mesmo, que não estaria preso ao contexto de sua produção para ser interpretado...” (KLEIMAN, 1995, p.22). Desse modo, a escola acreditar ser os usos que esta instituição realiza da escrita, universais e únicos para todas as situações comunicativas em que se faz uso da escrita. Enquanto no letramento ideológico “a natureza do letramento define-se em função da maneira como, em um dado contexto social, as atividades de leitura e escrita são concebidas e praticadas” (LOPES, 2006, p.47-48). Nessa visão os usos que um sujeito realiza da escrita adequa-se ao contexto, ao evento e aos sujeitos que utilizam à escrita, ideia esta que não é aceita pela escola.

### **3 ASPECTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa foi realizada por meio do método etnográfico que permite ao pesquisador a realização de uma pesquisa participante e também, a análise dos eventos de letramento e de oralidade dentro dos contextos em que ocorrem, observando os participantes de cada evento e o papel social que assumem em cada situação observada. A pesquisa etnográfica “exige a descrição de experiências e vivências de indivíduos e de grupos que participam e constroem o cotidiano da escola e da comunidade” (LIMA, 1996, p.66).

Por isso, a pesquisa analisou o contexto social do bairro estudado, suas características socioculturais, o que exigiu a realização de uma pesquisa participante que é compatível com a etnografia porque nesse tipo de pesquisa é necessário “examinar o grupo em si, como coletividade” (DUVERGER, 1976, p.266).

Por meio da pesquisa etnográfica “o etnógrafo participa, durante extensos períodos, na vida diária da comunidade que está estudando, observando tudo o que ali acontece...” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.38). Isto permite ao pesquisador a oportunidade de observar e estudar cada uso que os sujeitos pesquisados fazem de sua língua oral ou escrita dentro de cada contexto em que esses usos ocorrem.

Na pesquisa etnográfica o principal objetivo é entender todo o processo que leva à realização de um determinado fenômeno a ser estudado e, “os significados que os atores sociais envolvidos no trabalho pedagógico conferem à suas ações, isto é, estão à busca das

perspectivas significativas desses autores” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.41). Desse modo, a etnografia como método de pesquisa, permite ao pesquisador adentrar o universo sociocultural dos sujeitos pesquisados, para que o fenômeno analisado seja compreendido em sua origem social, e não de modo isolado.

A pesquisa foi realizada em um bairro da cidade de Teresina-PI e em uma escola que atende aos membros jovens dessa comunidade. No bairro foram observados contextos nos quais os moradores fazem uso das práticas de oralidade e do letramento de modo espontâneo, analisando o modo como esses usos ocorrem, de acordo com cada contexto, o que é permitido por meio da pesquisa participante.

Na escola também foi realizada uma pesquisa participante em que se buscou entender os significados socioculturais que as práticas de letramento e oralidade realizados na aula de língua Portuguesa têm na vida dos sujeitos envolvidos nessa interação. Com isso, o pesquisador tem a oportunidade de entender a organização cultural dessas práticas sociais em sala de aula e “construir e aperfeiçoar teorias sobre a organização social e cognitiva da vida em sala de aula, que é o contexto por excelência para a aprendizagem dos educandos” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.42), contribuindo para o desenvolvimento e a melhora do ensino de Língua portuguesa.

#### **4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS EVENTOS DE LETRAMENTO E ORALIDADE NA COMUNIDADE E NA ESCOLA**

A pesquisa foi realizada em um bairro da cidade de Teresina-PI e em uma escola que atende aos moradores do bairro. A escola fica localizada em uma das principais avenidas do bairro, onde foram observadas e analisadas as práticas de oralidade e letramento realizadas na aula de Língua portuguesa, como também na comunidade em diversos eventos de letramento e de oralidade.

Para Bortoni-Ricardo (2004), os eventos de letramento são “eventos mediados pela língua escrita” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.62) e, a autora classifica também os eventos de oralidade como eventos em que “não há influência direta da língua escrita” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.62). Por isso, ao longo dessa pesquisa etnográfica analisamos os eventos que se realizam por meio da escrita na escola e na comunidade e, os eventos que se realizam por meio da fala também na escola e na comunidade.

A escola estudada atende aos adolescentes do bairro, as observações foram realizadas em uma turma do sétimo e oitavo ano, apenas durante a aula de língua portuguesa, que era ministrada nas duas séries pela mesma professora. Nas aulas eram observadas as atividades realizadas e se estas trabalhavam as noções de letramento e oralidade como um contínuo.

Os alunos atendidos na escola são alunos que moram na periferia do bairro estudado. O oitavo ano observado durante a pesquisa é considerado pelos professores da escola a turma que possui os alunos com maior dificuldade de aprendizagem. A escola pesquisada não é bem vista no bairro, pois lá já ocorreram alguns episódios de violência, como um tiroteio durante uma feira cultural.

A imagem negativa que os moradores do bairro tem em relação aos alunos também é refletida por alguns membros da escola, o que pode ser observado na conversa descrita abaixo:

EVENTO: conversa informal com duas funcionárias e uma professora da escola

AMBIENTE: Secretária da escola

PARTICIPANTES: Pesquisadora, duas secretárias da escola e uma professora de matemática da escola.

Secretária I: Eles tem muita dificuldade pra aprender, você sabe, né? São crianças carentes, tem mais obstáculos.

Secretária II: Minha filha, eles mora aqui nas áreas mais pobre do bairro, tem desses meninos que não consegui aprender mermu.

Professora de matemática: tem uns envolvidos até com drogas, eles são muito carente, tem dificuldade pra se sair bem nos estudos.

No diálogo descrito acima percebemos a ideia de que a classe social dos alunos é responsável pelo fracasso escolar. Teoria essa que é criticada por Bortoni-Ricardo & Freitas (2009). Essa teoria do *déficit cultural* acredita que a dificuldade de aprendizagem dos alunos é creditada como a “falta de cultura dos alunos pertencentes a grupos minoritários da sociedade” (BORTONI-RICARDO & FREITAS, 2009 p.219). Esquecendo-se que o fracasso escolar deve-se, entre outros fatores, a questões relacionadas ao modo como o ensino é realizado em nossas escolas, como pode ser observado na aula descrita abaixo:

EVENTO: aula de língua portuguesa no oitavo ano

PARTICIPANTES: Professora e alunos

AMBIENTE: sala de aula

PROFESSORA: Hoje nós vamos trabalhar verbo. Vou passar um exercício pra vocês.

### **EXERCÍCIO**

- 1) O que é verbo?
  
- 2) Conjugue o verbo cantar, dançar e vender em todas as pessoas do pretérito perfeito.

PROFESSORA: quem é que vem aqui no quadro responder

PROFESSORA: vem tu Fernando, é só tu que sabe mermu.

O aluno vai ao quadro responder à questão, mas o aluno comete alguns erros, então a professora passa a responder todas às perguntas do exercício.

PROFESSORA: tá errado, deixa que eu vou falando a resposta certa e tu escreve e os outros corrige no caderno.

Na aula descrita podemos perceber que a ensino de língua portuguesa resume-se apenas a realização de cópias, a professora dita a resposta e um dos alunos copia no quadro enquanto os outros fazem a cópia em seus cadernos. Além disso, as questões trabalhadas no exercício também estimulam a realização de cópias, pois os alunos são levados a decorar apenas conceitos.

Os alunos não são estimulados a realizarem na aula de Língua Portuguesa usos diversos da escrita e não são preparados para lidar com a diversidade de usos da escrita, já que “os alunos precisam de habilidades e flexibilidades suficientes para se adaptar às situações variantes da escrita” (BAZERMAN, 2009; p.17).

As tarefas produzidas na sala de aula são estanques, fragmentadas, onde os alunos, invariavelmente são meros executores de tarefas, que não desenvolvem a criatividade dos alunos e nem suas habilidades relacionadas à escrita. Em algumas situações a dificuldade dos alunos no aprendizado é apontada como responsável pelo modelo de ensino realizado na aula de língua portuguesa.

PESQUISADORA: professora, a senhora costuma trabalhar produção de texto com eles?

PROFESSORA: Ah, minha filha, nem adianta esse trabalho, essa turma aqui não aprende não.

PESQUISADORA: mais a senhora já tentou?

PROFESSORA: já, mas não deu certo não. Eles não sabe escrever, não.

Na sala de aula não são realizadas atividades que trabalhem a oralidade dos alunos. Os usos que os alunos fazem cotidianamente da oralidade não são aproveitados no ensino de Língua portuguesa, pelo contrário são reprimidos pela escola como pode ser observado na descrição seguinte:

PROFESSORA: Isso aí é como vocês falam aí “nois vai”, “nois vem”. Os meninos daqui falam assim e vocês acham isso lindo, né?

PROFESSORA: Pode deixar essa conversa para depois. Você duas gosta de uma conversa, é só pra tá o dia todo “né mermam”, “pois é mermam”.

Inconscientemente, ao longo dos anos os professores de língua portuguesa assumem uma posição em relação à língua que estigmatiza a variedade linguística utilizada pelos alunos, a situação descrita acima poderia ser uma ótima oportunidade para ser trabalhado em sala de aula conceitos como o de variação linguística. Esta situação revela que a relação variedade padrão e variedade não-padrão em sala de aula ainda causa alguns conflitos que segundo Mollica (2007) tem como consequência “baixa de auto-estima, bloqueio dos falantes na interação em sala de aula” (MOLLICA, 2007,p.37).

Apesar de a escrita ser o veículo de realização das atividades desenvolvidas em sala de aula, não é possível dizer que na aula de Língua Portuguesa é desenvolvida atividades de letramento. Isto porque, letramento é “o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2006, p. 18). E, nas observações analisadas percebemos apenas a realização mecânica de atividades escritas.

Durante o período de observação em sala de aula percebemos que a aula de Língua Portuguesa é realizada principalmente por meio de atividade de escrita. E, os alunos quando expressam sua oralidade são reprimidos pela escola por não utilizarem a variedade padrão da língua. Em todo o período de observação só presenciamos na escola uma atividade em que os alunos foram incentivados a se expressarem oralmente, durante a realização da feira cultural da escola.

Nesse evento, os alunos tiveram a oportunidade de realizarem dentro da escola usos da língua oral e da língua escrita que não são trabalhados durante a aula de Língua Portuguesa, entre eles os alunos produziram discursos e palestras com muita desenvoltura, o

que pode ser reflexos das atividades de escrita e oralidade realizadas na comunidade em que vivem.

EVENTO: discurso de um aluno durante a feira cultural

AMBIENTE: Pátio da escola

PARTICIPANTES: Professores, alunos, funcionários da escola e pessoas que não pertencem a escola

ALUNO I: Bom dia a todos, damos inicio às atividades da feira cultural da nossa escola. Vamos iniciar nossas atividades com a apresentação do grupo de dança das alunas do sexto ano.

Em outra situação, mas ainda durante a realização da feira cultural, é possível perceber a habilidade dos alunos ao lidarem com a realização de palestras.

EVENTO: Palestra realizada por um aluno durante a feira cultural da escola

AMBIENTE: Pátio da escola

PARTICIPANTES: Professores, alunos, funcionários da escola e pessoas que não pertencem à escola.

ALUNO II: Esse é um dos pontos turístico mais importante de nossa cidade, nele a gente percebe a beleza dos dois rios que cortam a nossa cidade.

Essa atividade cultural na escola foi a única situação em que presenciamos uma relação de interação da escola com os alunos. Na escola os alunos não são incentivados a se expressarem oralmente, mas na comunidade são frequentes as situações em que os moradores sentem-se a vontade para expressarem suas variações lingüísticas. Como no evento abaixo:

EVENTO: Jogo de futebol

AMBIENTE: Quadra esportiva do bairro: Moradores do bairro e de bairros vizinhos do sexo masculino

PARTICIPANTES: Moradores do bairro e de bairros vizinhos do sexo masculino

MORADOR I: Hoje tem é poca gente, tinha que ter mais.

MORADOR II: eu achu que os mininu esqueceu mermu.

MORADOR I: Pois liga aí pra eles.

MORADOR II: tá bom vou ligar.

Nesse evento os participantes fazem uso constante da oralidade, predominando a comunicação verbal. Todo o evento do jogo de futebol foi realizado por meio da comunicação oral.

EVENTO: Jogo de futebol

AMBIENTE: Quadra esportiva do bairro

PARTICIPANTES: Moradores do bairro e de bairros vizinhos do sexo masculino

PROFESSOR DA ESCOLINHA DE FUTEBOL: Eitá, pois umbora fazer assim, mistura aí os mais véios com os jovens, porque si não num dá pra formar os time.

PROFESSOR DA ESCOLINHA DE FUTEBOL: ei ó pega aí as chuteiras de voceis viu, vamborá, vamu jogar.

A variação utilizada pelos participantes desse evento de oralidade difere completamente da norma culta, mas o evento realizado não exige a utilização dessa norma, por se tratar de um momento de lazer. Os jovens e os adultos presentes no evento descrito conseguiram realizar de modo eficiente esse evento de oralidade.

Na escola as atividades de escrita limitam-se apenas a cópias, mas na comunidade os moradores do bairro além da oralidade, também realizam eventos de letramento.

EVENTO: Venda de jornais

AMBIENTE: Mercado do bairro

PARTICIPANTE: Jornaleiro e clientes

JORNALEIRO: Tu quer é esse aqui é?

CLIENTE: É, vou pegá esse aqui.

JORNALEIRO: Te acalma deixa eu anotar aqui se não eu me perco nas contas. Foi o Meio Norte, pronto.

Os comerciantes do bairro fazem uso constante da escrita. Nesse ambiente de venda os moradores utilizam a escrita de modo oposto ao que é realizado na escola, mas que condiz com as necessidades de utilização de escrita durante o contexto social do trabalho.

No mercado os comerciantes fazem o controle diário de suas mercadorias por meio de anotações que realizam em alguns cadernos. Os comerciantes fazem o controle da mercadoria que chega e de toda a mercadoria vendida por dia. Esses cadernos registram o letramento praticado pelos comerciantes durante sua atividade de trabalho, dentro do ambiente do mercado.

A missa também se caracteriza como um evento de letramento, pois todas as falas são orientadas por textos escritos. A escrita e a fala utilizadas durante a missa aproximam-se

da variedade culta da língua portuguesa e, nesse evento, todos os participantes demonstraram ter a capacidade de utilizar a norma culta com êxito.

EVENTO: Missa

AMBIENTE: Igreja católica

PARTICIPANTES: Fiéis e padre

Ao chegar à igreja os fiéis recebem um folheto com toda a programação da missa, orientando-os sobre os cânticos e as leituras bíblicas que serão realizadas durante a cerimônia. Os fiéis acompanham os cânticos por meio da leitura do folheto e, a igreja ainda dispõe de um data-show, por onde é possível acompanhar os cânticos e as leituras bíblicas realizadas na cerimônia.

Durante a missa o padre realiza o seu tradicional sermão, cada cântico condiz com a leitura feita pelo padre, como uma forma de reforçar aquilo que é dito por ele.

PADRE: Agora vamos acompanhar a leitura do salmo 100:2

(O padre faz a leitura e os fiéis acompanham)

FIÉIS: Graças a Deus, amém.

No ambiente da igreja é possível perceber a presença de dois murais onde há vários cartazes informando sobre as festividades do mundo católico. Além disso, há um grande painel contando toda a história da igreja, desde sua construção, até os dias atuais. Esse painel chama muito a atenção de quem chega à igreja, algumas pessoas depois da missa param para lê-lo e outras até mesmo para fazer um registro fotográfico.

Na igreja católica do bairro, em diversos contextos durante a missa, faz-se uso da escrita. As leituras realizadas durante a cerimônia estão de acordo com a bíblia, por isso são feitas com base na Norma Culta. Por ser um evento formal, a missa, exige a utilização da variação padrão e, que se diferi completamente da linguagem utilizada pelos moradores em eventos como o jogo de futebol. Principalmente porque, na missa, a maioria das falas são orientadas pelas leituras da bíblia, quem fala tenta fazer uso constante da linguagem formal, o que pode ser percebido até mesmo na postura dos participantes desse evento.

As práticas de letramento também são observadas nas residências, onde a escrita também é vista como o meio mais eficiente para se registrar a história de uma vida, o que observado no evento abaixo:

EVENTO: Conversa informal

AMBIENTE: Casa de um morador do bairro

PARTICIPANTE: morador e pesquisadora

MORADOR: pois eu tenho tudo registrado, to escrevendo a história da minha vida, não sei se um dia vou publicar.

PESQUISADORA: E como o senhor ta fazendo esse registro

MORADOR: to escrevendo nesse caderno aqui mesmo, oia aqui a letra ta feia. Dá de tu vê?

PESQUISADORA: dá, dá sim.

Os moradores do bairro possuem plena consciência da importância da escrita em suas vidas. Seja ao registrar um número de telefone, ao fazer o registro das vendas no comércio, ou até mesmo para registrar a história de suas vidas. Todas essas situações em que a escrita é utilizada são realizadas de forma fluente e com desenvoltura por parte dos indivíduos que a utilizam. Em todo o bairro a escrita é utilizada seja na fachada das lojas, comércios, cartazes, em todas essas situações em que seu uso se faz necessário, os moradores a utilizam com sucesso.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Todas as práticas de oralidade e de letramento aqui descritas neste artigo foram analisadas observando-se os participantes de cada evento, bem como os significados que essas práticas possuem para aqueles que as realizam. Por isso na escola e na comunidade esses eventos foram analisados considerando-se a relação oralidade/letramento;

Dos eventos observados na escola, é possível perceber que apesar dos constantes trabalhos sociolinguísticos realizados na área da educação ainda existem escolas que não consideram o contínuo oralidade/letramento no ensino de língua materna. Infelizmente, as aulas de língua portuguesa privilegiam as práticas escritas em relação às práticas orais.

O ensino se realiza como se fosse papel da escola ensinar apenas a escrita, o que limita a capacidade de desenvolvimento dos nossos alunos. E, em alguns casos, o fracasso desses é justificado pela sua condição social, que são vistos como alunos com um grau maior de dificuldade de aprendizagem por serem alunos de bairros carentes.

Mesmo privilegiando o ensino da escrita, a escola ainda não obtém sucesso neste que parece ser o seu objetivo maior. As práticas de letramento realizadas na sala de aula resumem-se apenas a cópias. Em momento algum de nossa observação foram realizadas atividades em que os alunos fossem incentivados a criarem, ao contrário, os alunos só

produzem cópias do que é escrito pela professora no quadro-negro ou daquilo que está no livro didático.

Na sala de aula a maior parte dos eventos orais são recriminados pelo professor durante a aula. A fala dos alunos, em alguns casos, chega a representar uma ameaça à fluência da aula. A todo o momento, a professora dá as respostas prontas aos alunos como uma forma de impedir um diálogo sobre as questões dos exercícios realizados durante a aula.

O modo como o ensino se realiza difere completamente da realidade da dos usos reais que os moradores do bairro fazem da oralidade e escrita. Os moradores falam a língua portuguesa de forma fluente, o que permite à prática do comércio, do lazer, a realização de suas manifestações religiosas e etc.

A escrita também está presente nesses eventos, mas de modo oposto aquilo que é realizado na escola. Ao contrário de cópias, os moradores utilizam a escrita para registrar compras e vendas, na identificação da fachada desde a maior loja do bairro ao comércio mais simples da comunidade.

O modo como o ensino de língua portuguesa realiza-se em nossas escolas prejudica o aprendizado dos alunos. Aquilo que é ensinado nas escolas não se aplica a realidade dos alunos, com isso o aluno não consegue estabelecer uma relação daquilo que é ensinado na escola com sua vida real.

## **REFERÊNCIAS**

BAZERMAN, Charles. **Gêneros Textuais, tipificação e interação**. 3ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BORTONI- RICARDO, Stella Maris; FREITAS, Vera Aparecida de Lucas. Sociolinguística Educacional. IN: **Abralin: 40 anos em cena. João pessoa**, Paraíba: Editora Universitária, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?:** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editora, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística.** São Paulo: Editora Scipione, 1989.

DUVERGER, Maurice. **Ciência Política: Teoria e método.** 2ed. Zahar editores. Rio de Janeiro, 1976.

FÁVERO, Leonor Lopes. As relações entre fala e escrita. In Fávero, Leonor Lopes (Org). **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna.** 5ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In Kleiman, Ângela B. (Org). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas, SP: Mercado de letras, 1995, pags. 15-61. ( Coleção letramento, educação e sociedade).

LIMA, Maria da Glória. **Os usos cotidianos de escrita e as implicações educacionais: uma etnografia.** Teresina: EDUFPI, 1996.

LOPES, Iveuta de Abreu. **Cenas de letramentos sociais.** Recife: Programa de Pós-Graduação em letras da UFPE, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: Atividades de retextualização.** 4ed. Cortez: São Paulo, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fala, letramento e inclusão social.** São Paulo: Contexto, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2ed, 11. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.